

BATIDAS NA PORTA DO TEMPO. DIÁLOGOS EXTEMPORÂNEOS

João Baptista Novaes Ferreira França,¹ São Paulo

jb-franca@uol.com.br

Resumo: O autor comenta a canção *Resposta ao Tempo*, de Aldir Blanc e Cristóvão Bastos, vista como um inusitado diálogo entre o Tempo e o Ser humano, no qual se coloca também como personagem. Os temas abordados incluem a criança como pai do homem, a passagem do tempo, e o ciclo da vida.

Palavras-chave: Aldir Blanc e Cristóvão Bastos, resposta ao tempo, a criança é o pai do homem, ciclo da vida

Knocks on the front door. Extemporaneous dialogues

Abstract: The author comments the song *Resposta ao Tempo*, by Aldir Blanc and Cristóvão Bastos, observed as an unusual dialogue between the Time and the Human Being, and includes himself as a character. The approached themes include The Child as father of Man, the life span and the Cycle of life.

Keywords: Aldir Blanc and Cristóvão Bastos, response to time, the child is the father of man, cycle of life

Meu coração bate mais forte quando contemplo no céu o arco-íris. Assim era quando minha vida começou. Assim é agora, que sou adulto. Ou senão, deixe-me morrer! A Criança é o pai do Homem; desejo que meus dias, se liguem, cada um com o outro, com laços de piedade natural
(Wordsworth, 1807, sétimo verso)

A epígrafe com a qual inicio minha contribuição encerra a ideia de que a *Criança é o pai do Homem*, que Freud tirou de Wordsworth, poeta inglês que o antecedeu por um século e consta no seu poema *The Rainbow*, também conhecido como *My heart leaps up*. A citação contém a ideia da passagem do tempo, do ciclo da vida, como expõe Money-Kyrle (1968) ao falar dos fatos da vida. Minhas referências neste artigo são restritas e pontuais, pois as indagações, perguntas e exposições sobre o tempo e seu mistério são oceânicas, e têm desafiado psicanalistas, filósofos, escritores e poetas ao longo dos anos.

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

A canção *Resposta ao Tempo* de autoria de Aldir Blanc e Cristóvão Bastos (1998), gravada em 1998 por Nana Caymmi e também por outros intérpretes, traz um diálogo inusitado entre o Homem e o Tempo. Ela inicia com uma frase perturbadora: *Batidas na porta da frente. É o tempo...*

Espero que a leitura que ousar fazer não perturbe o lirismo do poeta. Ela acompanha minhas indagações sobre o sentido da vida, a formação do psiquismo, a transitoriedade, o ciclo da vida.

Eis agora o texto da canção:

Batidas na porta da frente. É o tempo
Eu bebo um pouquinho pra ter. Argumento.
Mas fico sem jeito calado, ele ri.
Ele zomba do quanto eu chorei
Porque sabe passar, e eu não sei

Num dia azul de verão. Sinto o vento
Há folhas no meu coração é o tempo
Recordo um amor que perdi. Ele ri
Diz que somos iguais. Se eu notei
Pois não sabe ficar e eu também não sei

E gira em volta de mim. Sussurra que apaga os caminhos
Que amores terminam no escuro. Sozinhos
Respondo que ele aprisiona. Eu liberto
Que ele adormece as paixões. Eu desperto

E o tempo se rói, com inveja de mim
Me vigia querendo aprender,
Como eu morro de amor, pra tentar reviver

No fundo é uma eterna criança, que não soube amadurecer
Eu posso, ele não vai poder, me esquecer.

O que apresento a seguir, acompanha *pari passu* diversos lances, espanto, perguntas, respostas e contrarrespostas de atores tão diversos no tablado e tabuleiro da vida. Palco e contenda.

O texto se apresenta a mim, como leitor e ouvinte da canção, com um tema impactante, seguido do desenvolvimento decorrente e no *finale* parece

conter uma inflexão nítida, na qual um olhar psicanalítico observa questões do esquecer, do lembrar e de elaboração.

Agora, o convido a participar de um múltiplo diálogo, pois como sói acontecer, envolverá também você, leitor.

Batidas na porta da frente.

É o tempo

A frase *Batidas na porta do tempo* não encerra sujeito; mas *porta da frente* evoca nossa casa e nos impacta, fronteira que é com o outro, que não sabemos se amigável ou ameaçador.

Seria um *Das unheimliche?* (Freud, 1919).

Mas, é o Tempo! Não o meteorológico, mais fácil de encarar. Trata-se daquele acompanhante proteico, constante, continente, mas agora, com nuances de fantasma. Nosso visitante (presumo que é noite) parcialmente identificado, já nos perturba, pois é algo já entranhado dentro da gente, aquele que, às vezes, nos tira o sono!

Eu bebo um pouquinho pra ter. Argumento.

Eu apelo para minhas defesas contra o visitante que me impacta, em penumbra de quase invasão, inesperada. Defesa que utiliza o recurso de uma bebidinha, para gerar semi-anestesia.

A finalidade do *dar um tempo* é para encontrar um argumento de enfrentamento, já processo secundário, passado o susto do estranho à porta.

Mas fico sem jeito calado, ele ri.

Não adianta minha defesa ou timidez, pois fico mudo. Estático.

E ele, o Tempo, ele ri! Ele adquire agora uma dimensão pessoal, já é agente, vira gente. E ri de mim, pobre humano!

Ele zomba do quanto eu chorei

Zombar também é demais. O danado zomba, uma característica tão humana. Tornou-se uma voz de diálogo, um contendor agora mais identificado. E quer demonstrar superioridade em relação a fragilidade humana.

Porque sabe passar, e eu não sei

Como ele não é gente, simplesmente passa. Eu, por outro lado, tenho enorme dificuldade para passar e ultrapassar as diversas vicissitudes da vida: dores de crescimento, lutos, frustrações.

Num dia azul de verão. Sinto o vento

Passado o impacto inicial, parece que iniciamos uma segunda parte. Uma quase sonata, e mergulhamos em um desenvolvimento.

Tempo e vento, vento e tempo, são experiências de vida: o dia de cor azul – a experiência da cor – a sucessão das estações do ano, eis, agora o tema é centrado no humano. A atmosfera desanuviou-se, por ora.

Há folhas no meu coração. É o tempo

Folhas caídas ao vento. Usufruo da natureza, meu coração estremece de sensações prazerosas. E isso num dia azul? Estarei acompanhado? À beira de um lago?

Agora, temos o tempo nos dois sentidos da palavra. Uma aventura. E a vida palpita dentro do registro dor-prazer.

Prenúncio de relação amorosa.

Recordo um amor que perdi. Ele ri

Lance de introspecção do ser humano e resposta totalmente humanoide do Tempo. Ele já se torna gente, pois mostra um riso diferente, compartilhado, irônico; já ri, amargamente, de mim e de si mesmo. Ocorre como na mitologia grega; os deuses – Cronos, Kairós, Aión (Moreno, 2010) – têm emoções, e das bravas. Só que os deuses do Olimpo estão todos na posição esquizoparanoide, e o Tempo de Aldir Blanc já apresentaria nuances depressivas!

Diz que somos iguais. Se eu notei

Com o diálogo agora bem estabelecido, um desenvolvimento se processa e nos encontramos em conversa mais íntima; ele – meu quase colega – o Tempo, pergunta, indaga, fornece explicações. Convida-me a pensar. Já é de igual para igual.

Pois não sabe ficar. E eu também não sei

Dois *ficares* diferentes. Ele é uma continuidade de sucessões, ele não para; e eu, quanto a mim, diria que sei, não sei; não sei, sei. Mas o Tempo observa que ao longo da vida, há mais divórcios que comunhão.

E gira em volta de mim. Sussurra que apaga os caminhos

O diálogo está posto. À noite, aos pés de um lampião, o Tempo gira como mariposa em volta da luz.

E quando se aproxima de mim, sussurra. Na vida, quantos sussurros escutamos no silêncio do Eu?

Sabe, ó, humano, o tempo resolve tudo; é ingrediente para lubrificar perdas. Caminho apagado, veredas podem se abrir.

Que amores terminam no escuro. Sozinhos

Olha bem, aconselha ele, eis o que acontece!

Respondo que ele aprisiona. Eu liberto

Diálogo francamente estabelecido, eu desafio o tempo. Falo de liberdade, bem precioso.

Que ele adormece as paixões. Eu desperto

No que se refere às paixões, na comparação, vejo vantagens no custo-benefício.

E o tempo se róí, com inveja de mim

Pobre Tempo! Situação invertida! Estou por cima, ele me inveja.

Pedra aguenta séculos, ferro adquire ferrugem, seres vivos, plantas e animais, como nós, os humanos, temos duração limitada. A cultura perdura e sustenta a alma; mas, no caminhar, sentimentos de ódio nos roem; não conseguimos digeri-los.

No filme *Asas do desejo*, (Wenders, 1987) uma situação análoga. O anjo sobrevoa a cidade de Berlim e se apaixona, quer ser humano.

*Me vigia querendo aprender,
como eu morro de amor, pra tentar reviver*

Nessa sequência final, em vez de anticlímax, parece que o Tempo já perdeu sua característica de ser eterno, morto-vivo. Quer aprender a qualidade humana de João-teimoso. E aprender é prerrogativa do humano, Experiência – trabalhosa – de prazer e desprazer.

E quase que terminamos o diálogo propriamente dito. Tema e variações.

No fundo é uma eterna criança, que não soube amadurecer

Parece-me ter havido uma guinada no texto. Agora o letrista focaliza apenas o ser humano, em suas vicissitudes, um olhar longitudinal em relação ao *ciclo da vida*, quase aquele do psicanalista, sobre *a criança como pai do homem*.

Mas quem é que nos observa? Talvez o Tempo, que ressurge com sábia observação. Fala com seus botões. Ou então, falamos todos nós: Aldir, Cristóvão, o Tempo. Eu, lá e aqui, e você, leitor.

Eu posso, ele não vai poder, me esquecer

Um tanto hermética, em movimento circular, a frase final reinstala o diálogo, comparativo e competitivo, com esse último lance de duelo.

E o esquecer, ora falha, ora virtude, volta à tona.

Referências

- Blanc, A. & Bastos, C. (1998). *Resposta ao tempo* In N. Caymmi, *EMI Music*.
- Freud, S. (1976). O estranho. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Money-Kyrle, R. (1996). Desenvolvimento cognitivo. In R. Money-Kyrle, *Obra selecionada de Roger Money-Kyrle*. Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1968)
- Moreno, J. (2010). *Tiempo y trauma: continuidades rotas*. Lugar editorial.
- Wenders, W. (1987). *Asas do desejo*. Filme, produção franco-alemã.
- Wordsworth, W. (1802). A criança é o pai do homem (tradução livre). In *My heart leaps up (The Rainbow)*. *Poems (1807)*. https://www.wikipedia.org/wiki/My_Heart_Leaps_Up